

A MEMÓRIA-DENÚNCIA: UM BREVE ESTUDO SOBRE UM ILUSTRE REFUGIADO POLÍTICO, DE MILTON HATOUM

Luan Paredes Almeida Alves¹

RESUMO: Este artigo tem como propósito analisar a crônica *Um ilustre refugiado político*, de Milton Hatoum, que se encontra na coletânea *Um Solitário à Espreita* (2013). O objetivo central é entender como a configuração da memória nessa narrativa se constrói a partir de uma denúncia histórica, ao lembrar e sumarizar acontecimentos relativos à longa ditadura paraguaia ocorrida no governo de Alfredo Stroessner. Tendo por base uma análise sociológica e mobilizando conhecimentos extrínsecos à crônica, perquirimos a narrativa por intermédio do estudo dessa inter-relação entre os elementos ficcionais e factuais, que são a marca característica do gênero em Hatoum. Com isso passamos a entender até que ponto essa crônica se constitui como uma espécie de memória-denúncia, que serve tanto para propósitos narrativos, quanto para propósitos políticos. Entrementes, para realizar essa tarefa, utilizamos os seguintes teóricos basilares: Bakhtin (1998), Calvino (2009), Candido (2014), Costa Lima (1975), Le Goff (1992) e Robin (2016).

Palavras-chave: Crônica. Milton Hatoum. Memória. Análise sociológica. Ditadura paraguaia.

MEMORY-DENUNCIATION: A BRIEF STUDY ON “UM ILUSTRE REFUGIADO POLÍTICO”, BY MILTON HATOUM

Abstract: This article aims to analyze the chronicle *Um ilustre refugiado político*, by Milton Hatoum, which can be found in the collection *Um Solitário à Espreita* (2013). The central objective is to understand how the configuration of memory in this narrative is built from a historical denunciation, by recalling and summarizing events related to the long Paraguayan dictatorship that occurred under the government of Alfredo Stroessner. Based on a sociological analysis and mobilizing knowledge extrinsic to the chronicle, we investigate the narrative through the study of this interrelation between the fictional and factual elements, which are the hallmark of the genre in Hatoum. With this, we come to understand the extent to which this chronicle is constituted as a kind of memory-denunciation, which serves both for narrative purposes and for political purposes. Meanwhile, to accomplish this task, we used the following basic theorists: Bakhtin (1998), Calvino (2009), Candido (2014), Costa Lima (1975), Le Goff (1992) and Robin (2016).

Keywords: Chronicle. Milton Hatoum. Memory. Sociological analysis. Paraguayan dictatorship.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL/UNEMAT), Câmpus de Tangará da Serra-MT, sob orientação do Prof. Dr. Helvio Gomes de Moraes Junior. E-mail: luan.paredes@unemat.br

PREÂMBULO³

Dentre as inúmeras conjecturas que podemos propor acerca da crônica, constitui-se quase como um truísmo declarar que ela é um gênero de natureza imanentemente social. Ou seja: a crônica, por fazer uso de fatos do cotidiano como fio condutor para suas narrativas, é um gênero que expressa uma natureza social, a qual é passível de ser investigada por intermédio de uma análise que se diga sociológica. Notadamente, essa conceituação é a mais usual, e incorpora em si mesma aquela clássica definição sobre o gênero, na qual se vê o cronista como um artífice do cotidiano, e que “embora possa apoiar-se em fatos acontecidos, transforma a realidade do dia a dia pela força criadora da fantasia” (D’ONÓFRIO, 2006, p. 123).

Todavia, não há nada que impeça um cronista de produzir um texto de cunho hermético e que pareça alheio à sociedade; contudo, a literatura nasce no seio da vida social, o que acaba por determiná-la em sua imanência. Tomemos essa premissa como ponto de partida para justificar, doravante, o uso da análise sociológica como alicerce na intelecção da crônica *Um ilustre refugiado político*, de Milton Hatoum, que se encontra na coletânea *Um Solitário à Espreita*, lançada em 2013, pela Companhia das Letras. Esse adendo é importante, pois essa narrativa demanda, até certo ponto, um detalhamento de fatos extrínsecos a ela para seu entendimento. Entrementes, antes de adentrarmos na diegese da narrativa, é importante destacar o contexto que a circunda, o qual importa “não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 2014, p. 14).

À GUIA DE UMA ABORDAGEM CENTRÍPETA

Dentro dessa conjuntura que percebe a obra como um produto da interação entre autor e sociedade – e não como constructo isolado tal qual queira uma crítica intrínseca –, podemos estabelecer um vínculo entre as circunstâncias que cercam a produção de uma crônica e a sua materialização enquanto narrativa. A partir do estudo dessa força centrípeta, isto é, da ação de fora para dentro, do social para o literário, podemos entender como Milton Hatoum usou de certos fatos provenientes da história sociopolítica de um país como mote para a escrita de *Um ilustre refugiado político*, a

³ A presente análise é adaptada da minha dissertação, defendida junto ao PPGEL/UNEMAT.

qual foi originalmente publicada na revista eletrônica *Terra Magazine*, em 16 de fevereiro de 2009, e depois relançada em 2013, na coletânea *Um Solitário à Espreita*.

Nesse contexto, a crônica elencada para a nossa análise foi escrita em um período considerado de vitória para os partidos de esquerda do Paraguai, com a eleição do ex-bispo Fernando Lugo para presidente daquele país, em abril de 2008. De viés populista, esse candidato, que também era conhecido como “bispo dos pobres”, venceu as eleições após uma acirrada disputa contra a candidata Blanca Ovelar, a qual fazia parte da ala conservadora de direita. Por quase 70 anos, o partido Colorado, da opositora, esteve no poder, e teria continuado se não fosse a vitória de Lugo. A crônica *Um ilustre refugiado político* versa justamente sobre a história política desse país, mas em vez de partir para a atualidade, o cronista optou por uma perspectiva memorialística como mote, inter-relacionando a história de Brasília, a longa ditadura militar sob a égide do partido Colorado no Paraguai e um fato controverso, ocorrido no ano de 1989: o exílio do ex-presidente e ditador Alfredo Stroessner em terras brasileiras.

O governo de Stroessner foi marcante para a história paraguaia. Conhecida também como *El Stronato*, a ditadura militar no Paraguai durou de 1954 a 1989. Considerado um dos regimes totalitários mais longos da América Latina, o governo de Stroessner, do partido conservador, foi assinalado por forte repressão política, fraudes, corrupção, tortura e desaparecimento de opositores. Após um golpe liderado por Andrés Rodríguez, Stroessner é expulso do país e acaba exilado no Brasil, onde viveu até 2006, quando falece por conta de uma pneumonia. No ano de 1992, Martín Almada encontra documentos secretos conhecidos posteriormente como “Os arquivos do terror”, nos quais eram relatadas as atrocidades cometidas pelo ex-presidente durante os 35 anos em que ficou no poder. São justamente essas informações supramencionadas que serviram de *background* para a produção da crônica de Hatoum, cuja força-motriz se estabelece ao denunciar, sob o filtro literário, os malefícios da ditadura, do fascismo e da impunidade causada pela nossa “política da boa vizinhança”.

MEMÓRIA, DITADURA E ESCRÚPULOS

Severo crítico da ditadura, tanto brasileira quanto de outros países da América Latina, Milton Hatoum utiliza esse contexto como base para a crônica objeto da nossa

perquirição. No caso de *Um ilustre refugiado político*, temos inicialmente, em seu nível fabular, a presença de um narrador que retorna ao Distrito Federal, no ano de 2002, com o objetivo de escrever um texto para o jornal *Correio Braziliense*. A princípio, a crônica envereda por uma descrição da cidade de Brasília atual em contraposição à capital do país na década de 1960. O narrador até introduz, no meio da fabulação, um poema de Nicolas Behr, poeta mato-grossense da geração mimeógrafo, intitulado “Brasília Enigmática”, que versa sobre um eu lírico que anseia por voltar à capital do país, como podemos observar no introito da narrativa:

Não visitava Brasília havia mais de trinta anos. Voltei para o Distrito Federal em 2002, quando o Correio Braziliense me convidou para escrever um texto sobre o biênio 68-9. Estava ansioso para rever amigos e também lugares que havia frequentado. A cidade, que na década de 1960 provocava medo e angústia, agora era um espaço de liberdade. Antes de irmos para o hotel, o jornalista do Correio deu uma volta pelo Plano Piloto. Me lembrei do poema “Brasília enigmática”, de Nicolas Behr: Brasília, faltam exatos 3232 dias / para o nosso acerto de contas / me debes um poema / te devo um olhar terno / na beira do Paranoá pego um pedaço de pau / entre um pneu velho e um peixe morto / (uma garça por testemunha) / não me reconheces / não te reconheço. (HATOUM, 2013, p. 137)

Esse poema supracitado alude às mudanças ocorridas em Brasília com o passar dos anos. No caso de Nicolas Behr, o poeta menciona a poluição do lago Paranoá, que serve como contraposição à imagem bonita que a cidade suscitava ao eu lírico, a qual ele devia um “olhar terno”. A crítica reside justamente no descuido dos governantes, que deixaram um dos principais pontos turísticos da cidade em um estado deplorável, o que implicaria o não reconhecimento daquele que ansiava pelo seu “acerto de contas”. Em relação a Hatoum, a mudança também é visual, mas envolve as reminiscências de uma Brasília da década de 1960, durante um período crítico para a história do país. E é nesse cenário, à beira do lago Paranoá mencionado por Nicolas Behr, enquanto andava acompanhado de um jornalista do *Correio Braziliense*, que o narrador da crônica encontrará um homem de idade avançada, cuja presença desempenhará um papel fulcral na narrativa.

Não me reconheces, não te reconheço. E então paramos diante do Lago Norte, de onde avistei a cidade que escondia sua periferia pobre: as outras cidades habitadas pelos filhos e netos dos candangos, migrantes que construíram a Novacap. Quase não reconheço a Brasília da década de 1960, mas minha memória girava e dava cambalhotas e, aos poucos, comecei a lembrar passagens e cenas do passado: o colégio de aplicação, o campus da UnB, os namoros no cerrado, as peças de teatro,

os primeiros poemas, os amigos presos, alguns torturados. Os amigos mortos. Relembra, olhando o Paranoá e a Asa Norte, quando notei, perto da beira do lago, uma figura sentada entre dois sujeitos altos e fortes. Me aproximei da beira do lago e observei o ombro caído e a cabeçorra de um homem muito idoso, que parecia um velho javali sentado numa cadeira de rodas. Era um desses quadros que inspiram um poema sobre a decadência, o fim, a fugacidade de tudo. Perguntei ao jornalista quem era aquele pobre ancião com focinho de javali. “Você quer saber? É Alfredo Stroessner, nosso mais ilustre refugiado político”. (HATOUM, 2013, p. 138)

Essa ocasião em que o narrador encontra com Stroessner acaba por ressignificar a sua ida a Brasília, afinal “ali estava o personagem em carne e osso, um dos ditadores mais sanguinários desta América” (HATOUM, 2013, p. 138). Isso abre, dentro da narrativa, espaço para as conjecturas do narrador em torno do que aquele idoso, com passado tão atroz, estaria pensando ao contemplar o lago Paranoá. É basicamente essa a ação da crônica, pois todo o restante da narrativa gira em torno das digressões e retomadas históricas que nortearão a crítica que será tecida pelo cronista a respeito daquele ancião, cujas ações foram tão abomináveis para toda uma geração de paraguaios que tiveram a infelicidade de estarem sob o seu regime. O cronista-narrador até mesmo lança mão de alguns dados reais do relatório da Comissão de Verdade e Justiça sobre o período, no qual houve “128 mil vítimas de perseguições, quase 20 mil registros de tortura e detenções arbitrárias, mais de 3 mil exilados forçados, além de centenas, talvez milhares de mortos e desaparecidos” (HATOUM, 2013, p. 138).

Por fim, antes de concluir essas reflexões, é relatado outro dado extrínseco, mas dessa vez voltado para a historiografia literária. No caso, o narrador tece na crônica um breve comentário acerca do romance *Yo el Supremo*, de Augusto Roa Bastos, de 1974, no qual o protagonista, o ditador homicida Gaspar Rodríguez de Francia, claramente apresentava traços que podiam ser relacionados a Stroessner, numa velada crítica que o romancista fazia aos horrores da ditadura latino-americana, e, por esse motivo, o livro de Bastos acabou sendo censurado no Paraguai e na Argentina. Entrementes, essa junção entre política e literatura torna-se de vital importância, caso estejamos falando de um estado de exceção. Não é de se espantar que *Yo el Supremo* tenha sido proibido, o que demonstra a força que o meio literário tem enquanto instrumento na luta contra o totalitarismo, como bem descreve Ítalo Calvino:

Em primeiro lugar temos de lembrar que, onde os escritores são perseguidos, não apenas a literatura é perseguida, mas são proibidos também diversos outros tipos de discurso e de pensamento (e de pensamento político, antes de mais nada). A narrativa, a poesia, a crítica literária, adquirem naqueles países um peso específico político especial na medida em que dão voz àqueles que estão sem voz. Nós que vivemos numa condição de liberdade literária sabemos que essa liberdade implica uma sociedade que se move, em que muitas coisas estão mudando (para melhor ou para pior, esse é outro problema), e, também nesse caso, o que está em questão é a relação entre a mensagem literária e a sociedade, ou, mais precisamente, entre a mensagem e a possível criação de uma sociedade que a receba. [...]. **A literatura é um dos instrumentos de autoconsciência de uma sociedade, decerto não o único, mas um instrumento essencial porque suas origens estão vinculadas às origens de diversos tipos de conhecimento, de vários códigos, de várias formas do pensamento crítico.** (CALVINO, 2009, p. 204, grifo nosso)

Nesse enfoque, a crônica de Hatoum sublinha bem um fenômeno recorrente nesse limiar político-literário. A sociedade que passa por um fenômeno que reprime os direitos individuais, acaba muitas vezes por suscitar forças que vão na contracorrente desses eventos antidemocráticos. Isso é característico de certos grupos, que, pela força da arte, do uso consciente do discurso literário, contrapõem-se à perda das garantias fundamentais, dando voz àqueles que não possuem a força necessária. Nesse prisma, torna-se imprescindível uma crítica de viés sociológico que evidencie essas características, posto que, segundo Luiz Costa Lima (1975, p. 661), “a análise sociológica se volta para a área dos discursos e, dentro dela, aponta para a da literatura, frequentemente com o propósito de ilustrar, exemplificar ou comprovar uma interpretação de caráter bem mais abrangente: a interpretação de certa sociedade”.

Pelo fato de a realidade social constituir-se como a matéria-prima ou o motivo gerador da crônica, é evidente que essas informações, suscitadas pelo texto, partem de uma conjuntura real e verossímil, no sentido de que, por mais que a crônica faça uso de uma linguagem artisticamente elaborada dentro de um contexto ficcional, a narrativa não necessariamente precisa se desprender do meio em que ela foi gerada. Os dados utilizados por Hatoum, tanto sobre as consequências do regime de Stroessner, quanto sobre a existência do romance de Augusto Roa Bastos, asseguram essa perspectiva. Mais para frente, o narrador, numa abordagem um tanto didática, até traz outras informações extrínsecas reais, mescladas ao seu juízo de valor, para fundamentar a sua visão, como quando diz que Stroessner “morou quase dezessete anos em Brasília, onde morreu no dia 16 de agosto de 2006. Não sei se dormia com

Revista Moinhos, vol.10, ano 5, 2021, Tangará da Serra – MT.

sonhos nostálgicos do poder tirânico, ou se despertava com os gritos de homens e mulheres torturados” (HATOUM, 2013, p. 139).

O desfecho da crônica incide basicamente sobre os escrúpulos daquele idoso, que, naquele dia, descansava à beira do lago Paranoá: “O velho sentado numa cadeira de rodas pensava nos milhares de paraguaios assassinados, torturados, exilados?” (HATOUM, 2013, p. 138). Nesse caso, é perceptível o descontentamento do narrador ao pensar em alguém como Alfredo Stroessner saindo impune de todos os seus atos. Todavia, a crítica basilar fica em função do papel desempenhado pelo Brasil nesse contexto político. Em 1989, após ser deposto, o ditador paraguaio consegue abrigo político no país. O narrador ignora o responsável, mas culpa a política brasileira em acolher um tão inclemente ditador, como bem se observa neste excerto que finda a narrativa: “Não sei se isso aconteceu no fim do governo Sarney ou no começo do governo Collor. Isso tem alguma importância? Muda o nosso pendor à bondade e à política da boa vizinhança?” (HATOUM, 2013, p. 139).

Stroessner, considerado pela justiça paraguaia como um foragido desde 1989, nunca voltou para o seu país. Todas as tentativas de extradição com o governo brasileiro ao longo dos anos foram vãs. Os seus crimes, por consequência, nunca foram julgados, e o seu corpo, após sua morte em decorrência de uma complicação cirúrgica e uma pneumonia, foi enterrado sem nenhuma honraria em Brasília mesmo, onde viveu por anos numa mansão próxima ao Paranoá. A crônica, por ser um gênero que se fixa no limiar entre o jornalístico e o literário, possibilita a liberdade de expor uma opinião sem deixar de lado o caráter renovador da literatura. Como afirma Becker (2013, p. 14): “Mesmo diante dessa possibilidade intertextual e de fronteiras quase anuladas, em geral ainda distinguimos o discurso jornalístico do discurso literário, tendo em vista seus objetivos e intenções, bem como seus dispositivos de linguagem”. É justamente nessa imbricação que a crônica *Um ilustre refugiado político* concilia tanto a prosa com fins estéticos, quanto a crítica social em torno de um caso aterrador ocorrido em um país vizinho.

De acordo com Jacques Le Goff (1992, p. 49): “Tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica”. Desse modo, quando lidamos com a memória do narrador sobre a ditadura paraguaia, estamos lidando com uma perspectiva, um recorte histórico que emerge da própria maneira de pensar daquele que nos fala. Para Bakhtin (1998, p. 137), a ação de um personagem é

sempre destacada pela sua ideologia, pois “ele vive e age em seu próprio mundo ideológico (não apenas num mundo épico), ele tem sua própria concepção do mundo, personificada em sua ação e em sua palavra”. O narrador da crônica é alguém consciente de uma determinada falha histórica, e a sua narrativa, de certa forma, acaba por trazer à baila uma discussão antiga, até pouco divulgada.

Outrossim, é bastante comum que as crônicas hatounianas se voltem para processos internos, puramente subjetivos. Não que *Um ilustre refugiado político* oblitere esse lado, pois tudo parte das reminiscências do narrador que retorna ao Distrito Federal. Porém, nessa crônica em específico, há uma tentativa de estabelecer vínculos com uma história política bastante incômoda. Por mais que estejamos analisando uma obra ficcional, é impossível deixar de perceber que as denúncias do narrador não são fictícias. A historiografia e as informações arroladas como um todo descrevem muito mais a nossa realidade do que uma simples quimera literária. Trazer à tona esses fatos, para além do entretenimento do leitor, evoca também um contexto de testemunho que impede que determinados eventos caiam no esquecimento.

De acordo com Régine Robin (2016, p. 82), “os esquecimentos sistemáticos em forma de perdões ou de anistias são uma outra maneira de realizar o apagamento do passado das sociedades”. Esse “perdão” do Brasil frente ao passado de Stroessner privou o Paraguai de julgar seu opressor. Devido à passividade e à postergação do governo brasileiro, esses fatos foram lentamente obliterados pelo tempo. A função do narrador foi trazê-los à superfície novamente, impedindo que caíssem no esquecimento, por isso ele trabalha com uma espécie de memória-denúncia, a qual tem propósitos tanto narrativos, quanto políticos.

Tal assertiva acerca da recuperação e preservação da memória aludida pode ser corroborada no último parágrafo da crônica de Hatoum (2013, p. 139), quando se encerra, utilizando-se de uma retomada histórica: “Aos leitores que desconheciam a longa e tranquila temporada desse ilustre senhor em Brasília, convém lembrar que, em 1989, o governo brasileiro concedeu abrigo político a Alfredo Stroessner”. O narrador assume a sua função de interlocutor e se abre num diálogo “aos leitores”, dirigindo-se a quem inadvertidamente não conhecesse esse lado da história. A função didática de tal explanação deixa exposto o viés político e crítico do narrador. Ele não está ali apenas para descrever lembranças, como normalmente ocorre nas crônicas de Hatoum, mas também para deixar claro seu posicionamento quanto a esse ilustre refugiado – ou foragido – político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crônica de Hatoum, à primeira vista, figura-se como uma narrativa concisa, pragmática, dado o suporte no qual ela é veiculada, mas nem por isso ela perde a sua qualidade. O caráter imagético que vai desde a ida ao Distrito Federal até o vislumbre do idoso à beira do lago é composto por um jogo de oposições. A Brasília da década de 1960, num período de repressão, é diferente da Brasília dos tempos atuais, que, vítima do progresso, tornou-se suja aos olhos de Nicolas Behr, e condescendente aos olhos de Hatoum. A presença do ex-ditador Stroessner, idoso, reflexivo, sentado em uma cadeira de rodas, é o mote condutor usado para que a crônica se efetive, e, a partir dessas digressões, a fabulação literária é concebida.

Evidentemente, essa crônica em específico, por trazer à tona questões emblemáticas da nossa realidade, precisou ser investigada levando em conta o meio extradiegético. Isto é, por mais que a crônica tenha propósitos ficcionais, ela lida com inquirições que são próprias do nosso meio. Nesse sentido, o uso de uma análise sociológica, tal qual foi a nossa proposta, tornou-se imperativa para que pudéssemos evidenciar todos os pormenores da narrativa, sem correremos o risco de tratá-la como um constructo isolado em si mesmo. Entender o contexto sociocultural não apenas fortaleceu a nossa investigação, como também nos fez entender, em um nível mais profundo, a crítica tenaz que Hatoum engendrou acerca da impunidade fomentada por certas políticas do nosso país. Por fim, essas reflexões demonstram que a literatura e a sociedade, em certas conjunturas, são duas instâncias tão imbricadas que separá-las pode resultar em perdas analíticas bastante substanciais, tal qual seria se ignorássemos a história da ditadura paraguaia, ao analisarmos a crônica aqui perquirida.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1998.

BECKER, Caroline Valada. **A crônica e suas molduras, um estudo genológico**. Estação Literária, v. 11, p. 10-26, 2017.

CALVINO, Ítalo. **Assunto encerrado: discursos sobre literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

COSTA LIMA, Luiz. “A Análise Sociológica”. In: COSTA LIMA, Luiz. **Teoria da Literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

D’ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do Texto: Prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 2006.

HATOUM, Milton. **Um Solitário à Espreita**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ROBIN, R. **A memória saturada**. Trad. Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.